

DE MATCH EM MATCH, O AMOR CAI NAS REDES

MATCH BY MATCH, LOVE GOES VIRAL

DE MATCH EN MATCH, EL AMOR CAE EN LAS REDES

Joana Alvares¹

Ana Julia Dierings²

Emily Pinsetta Dalpian³

Laura Gabardo Baggio⁴

Resumo: Este ensaio teórico analisa as novas configurações do amor e dos relacionamentos na era digital sob a perspectiva psicanalítica. A virtualidade transforma as interações humanas, promovendo novas formas de vínculo, mas também acentuando dinâmicas de idealização e frustração. A partir da concepção freudiana do narcisismo e do conceito de amor líquido de Bauman, discute-se como os aplicativos de relacionamento e as redes sociais reforçam uma lógica de consumo das relações, na qual o sujeito se apresenta como mercadoria em busca de validação e reconhecimento. A análise enfatiza como o espaço virtual favorece a criação de um “eu ideal” que se distancia do self verdadeiro, intensificando a fragilidade dos laços afetivos. A busca incessante por conexões reflete o conflito entre Eros e Thanatos, com a promessa de satisfação imediata frequentemente resultando em vazio e angústia. Autores psicanalíticos contemporâneos contribuem para a compreensão da complexidade do amor, destacando suas idealizações, expectativas e os impactos das decepções. A psicanálise revela que, apesar das transformações tecnológicas, a busca pelo amor continua atravessada pela incompletude do sujeito e por sua necessidade de reconhecimento. O estudo conclui que a mediação digital dos relacionamentos amplia tanto as possibilidades quanto as dificuldades do vínculo amoroso, exigindo uma nova leitura das dinâmicas psíquicas que moldam os afetos e a subjetividade na contemporaneidade.

Palavras-chave: Amor virtual. Relacionamentos líquidos. Narcisismo. Psicanálise.

¹ Psicóloga, Psicoterapeuta de Orientação Psicanalítica — Instituto de Ensino e Pesquisa em Psicoterapia (IEPP-RS), Doutora e Mestre em Psicologia Clínica pela UNISINOS-RS, Docente do curso de Psicologia da Faculdade da Serra Gaúcha (FSG) de Bento Gonçalves-RS e coordenadora e orientadora do Grupo de Estudos de Gênero — GREG e do Grupo de Emergências e Desastres (GED).

ORCID: 0000-0003-2073-9729. E-mail: joana.alvares@fsg.edu.br

² Psicóloga pela Faculdade da Serra Gaúcha (FSG) de Bento Gonçalves-RS. Membro do Grupo de Estudos sobre o Pensamento de Winnicott e do Grupo de Emergências e Desastres (GED).

ORCID: 0009-0000-2198-887X. E-mail: psianadierings@gmail.com

³ Psicóloga pela Faculdade da Serra Gaúcha (FSG) de Bento Gonçalves-RS. Membro do Grupo de Estudos sobre o Pensamento de Winnicott e do Grupo de Emergências e Desastres (GED).

ORCID: 0009-0007-4011-0502. E-mail: emilydalpian@gmail.com

⁴ Acadêmica do 8º semestre do curso de Psicologia da Universidade de Caxias do Sul (UCS-RS). Membro do Grupo de Estudos sobre o Pensamento de Winnicott e do Núcleo de Estudos em Psicologia Social.

ORCID: 0009-0007-7501-2806. E-mail: lauragabardobaggio@gmail.com

Abstract: This theoretical essay analyzes the new configurations of love and relationships in the digital age from a psychoanalytic perspective. Virtuality transforms human interactions, fostering new forms of bonding while also accentuating dynamics of idealization and frustration. Based on Freud's conception of narcissism and Bauman's concept of liquid love, this discussion explores how dating apps and social media reinforce a consumerist logic in relationships, where individuals present themselves as commodities in search of validation and recognition. The analysis emphasizes how virtual spaces facilitate the creation of an "ideal self" that distances itself from the true self, intensifying the fragility of affective bonds. The relentless search for connections reflects the conflict between Eros and Thanatos, with the promise of immediate satisfaction often resulting in emptiness and anguish. Contemporary psychoanalytic authors contribute to understanding the complexity of love, highlighting its idealizations, expectations, and the impact of disillusionment. Psychoanalysis reveals that, despite technological transformations, the search for love remains marked by the subject's incompleteness and need for recognition. The study concludes that the digital mediation of relationships expands both the possibilities and the challenges of emotional bonds, demanding a new interpretation of the psychic dynamics that shape affections and subjectivity in contemporary times.

Keywords: Virtual love. Liquid relationships. Narcissism. Psychoanalysis.

Resumen: Este ensayo teórico analiza las nuevas configuraciones del amor y las relaciones en la era digital desde una perspectiva psicoanalítica. La virtualidad transforma las interacciones humanas, fomentando nuevas formas de vínculo, pero también acentuando dinámicas de idealización y frustración. A partir de la concepción freudiana del narcisismo y del concepto de amor líquido de Bauman, se discute cómo las aplicaciones de citas y las redes sociales refuerzan una lógica de consumo en las relaciones, donde el sujeto se presenta como una mercancía en busca de validación y reconocimiento. El análisis enfatiza cómo el espacio virtual facilita la creación de un "yo ideal" que se aleja del self verdadero, intensificando la fragilidad de los lazos afectivos. La búsqueda incesante de conexiones refleja el conflicto entre Eros y Thanatos, con la promesa de satisfacción inmediata que a menudo resulta en vacío y angustia. Autores psicoanalíticos contemporáneos contribuyen a la comprensión de la complejidad del amor, destacando sus idealizaciones, expectativas y los impactos de las desilusiones. El psicoanálisis revela que, a pesar de las transformaciones tecnológicas, la búsqueda del amor sigue atravesada por la incompletud del sujeto y su necesidad de reconocimiento. El estudio concluye que la mediación digital de las relaciones amplía tanto las posibilidades como las dificultades del vínculo amoroso, exigiendo una nueva lectura de las dinámicas psíquicas que moldean los afectos y la subjetividad en la contemporaneidad.

Palabras clave: Amor virtual. Relaciones líquidas. Narcisismo. Psicoanálisis.

"A modernidade é a era em que nossa existência social depende do olhar dos outros: somos quem conseguimos fazer que os outros acreditem que somos."
(Contardo Calligaris)

Teria o amor e suas novas possibilidades caído nas redes?

Pretende-se, com esta escrita livre, discorrer sobre a maneira como o amor e os relacionamentos se manifestam e evoluem no contexto das redes sociais e da internet, por meio do olhar psicanalítico, de diversos autores e de elementos culturais que embasam o pensamento acerca da temática.

A virtualidade, ao proporcionar novas formas de interação e comunicação, modifica profundamente o psiquismo humano e a dinâmica dos relacionamentos (Batista; Kazahaya, 2022).

Paralelamente, a psicanálise, com seu foco nos processos inconscientes, oferece ferramentas relevantes para entender como esses laços virtuais influenciam a formação da identidade e da satisfação emocional dos sujeitos. Assim, partindo desses eixos, faz-se aqui a tentativa de elaborar e compreender a forma como a busca pelo amor se dá no campo virtual e como isso atravessa a constituição psíquica e as subjetividades dos sujeitos, especialmente daqueles que adentram os aplicativos de relacionamento. Entre redes, *likes*, *ghosting*, imaginário e real, estaria o amor a serviço do vazio em prol da satisfação imediata?

O amor sempre esteve atravessado pela psicanálise, a exemplo do que Lacan (1992, p. 202) dizia: “o amor é dar o que não se tem (a alguém que não o quer) [...] e não se faz outra coisa em análise, senão falar de amor”. O conceito de amor em psicanálise foi, dessa forma, apresentado ao psicológico, ao simbólico e ao imaginário, no sentido de ampliar as concepções e incidências inconscientes do ser de desejo e de falta. Contemporaneamente, Kuss (2014) corrobora isso ao afirmar que o amor e a psicanálise sempre andaram juntos, e que este esteve presente no surgimento desse campo através da história amorosa de Anna O. e Breuer. Essa relação é evidenciada quando a autora escreve sobre as primeiras aparições do amor na técnica psicanalítica, fazendo referência à confiança e à obediência que a técnica da hipnose exigia do par que dela participava, características que constata serem presentes nas relações amorosas. Ademais, sustenta que a psicanálise surgiu a partir de estudos de uma grande problemática do amor: “o sintoma histerico aparece no lugar de uma proibição amorosa, inscrevendo no corpo a marca de um desejo que fora abafado” (Kuss, 2014, p. 31).

Assim, a escolha da psicanálise como abordagem teórica para discorrer sobre o tema do amor nas redes se faz ainda mais compreensível e justificável. Ao longo do livro *A gente mira no amor e acerta na solidão*, Ana Suy (2022) escreve sobre o amor, sobre as expectativas, idealizações e fantasias que é possível criar a partir dessa palavra e sobre as várias formas e lugares em que o amor pode se encaixar e se mostrar. Ela trata o amor a partir de diversas perspectivas e traz alguns exemplos cotidianos para esboçar como a simplicidade pode ser utilizada para tentar explicá-lo. Isso mesmo, tentar. Ana Suy aborda a temática do amor com pluralidades; entretanto, não o define como sendo única e exclusivamente algo rígido e estático. Ela, em sua escrita, dá ao amor possibilidades.

Bell Hooks (2021), em seu livro *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*, arrisca uma definição de amor que se baseia na somatória dos seguintes ingredientes: “carinho, afeição, reconhecimento, respeito, compromisso e confiança, assim como honestidade e comunicação aberta” (p. 34). Ainda nessa obra, a autora cita o que Diane Ackerman (1997) escreveu no livro *Uma história natural do amor*, definindo primeiramente o amor como “o grande intangível”, mas, logo depois, assegura: “todo mundo admite que o amor é maravilhoso e necessário, mas ninguém consegue concordar a respeito de sua definição” (p. 33). Essa afirmativa de Ackerman faz pensar sobre a complexidade de conceituar o termo “amor”, o qual pode atrair diferentes definições e significados.

Já Ana Suy (2022) traz o amor como algo bonito e leve, mas, ao mesmo tempo, como sofrido e que requer investimento. Compreende que o amor se manifesta de forma singular em cada sujeito e que suas expressões também dizem respeito à história de cada um. Hooks corrobora ao afirmar que “aprender definições falhas de amor quando somos bem jovens torna difícil sermos amorosos quando amadurecemos” (2022, p. 34). Suy também marca que o amor depende de faltas e de decepções. Assegura que o amor é interpretado pelos sujeitos a partir de uma ilusão de completude, como se, ao amar e/ou ser amado, todas as faltas fossem tamponadas, preenchidas. Cria-se, assim, a ilusão de que eu sou tudo o que o outro precisa e vice-versa.

Quando essa ilusão começa a se desfazer, as diferenças do outro passam a chamar atenção. E, na medida em que essas diferenças constitucionais se tornam conhecidas, são interpretadas como um ataque a quem ama e ao amor, como uma rejeição (Suy, 2022). Sem

esse ideal de completude, ou sem o objeto de desejo, é como se o sujeito deixasse de existir. As canções de amor descrevem esse sentimento, e o verso a seguir de Claudinho e Buchecha é um exemplo disso: “Eu não existo longe de você / E a solidão é o meu pior castigo”.

Nas redes, isso também acontece dessa forma, talvez com maior rapidez, com uma busca mais rápida e superficial pela satisfação que o amor, ou a ideia de amor e paixão, proporciona. É através da relação com o outro que a imagem pessoal do indivíduo, a sua autopercepção, é construída; ou seja, a ilusão de completude que se cria a partir do amor diz respeito também à busca de uma satisfação pessoal, narcísica. Afinal, imagina-se ser tudo o que o outro precisa (Suy, 2022).

No Renascentismo, Camões (1997) escreve um dos seus versos mais famosos, “amor é fogo que arde sem se ver”, tendo como pano de fundo uma realidade em que o flerte acontecia por meio de olhares, cartas, serenatas na janela e poemas. No contexto das redes sociais, esse verso ganha novas camadas de significado. O encantamento inicia com um *match* e se alimenta de recortes do outro que podem ser controlados e editáveis. O encontro físico se torna dispensável, e a idealização se intensifica, dando literalidade à ideia de um amor que “arde sem se ver” (Saraiva, 2023).

Bauman (2001), em sua obra *Modernidade líquida*, provoca, elegantemente, o leitor a refletir sobre a fragilidade das relações humanas, utilizando-se da metáfora da liquidez para definir as inconstâncias do mundo contemporâneo. O autor propõe que “os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade: [...] eles ‘fluem’, ‘escorrem’, ‘esvaem-se’, ‘respingam’, ‘transbordam’ [...]” (p. 7).

Segundo o autor, a sociedade sofreu diversas transformações ao longo do século XX, e as estruturas sociais conhecidas foram dissolvidas e rapidamente alteradas, modificando, por consequência, a forma como o tempo e o espaço são vivenciados pelos indivíduos. Foi necessário, portanto, que o sujeito moderno fosse criado para ser adaptável, flexível, de modo a acompanhar a velocidade com que as evoluções acontecem, não sucumbindo a elas. Em vista disso, a preocupação com a própria individualidade também foi socialmente estimulada a se tornar prioridade na vida do ser humano, com o objetivo de atingir as métricas produtivas que lhe são esperadas. A consequência natural seria que o ser humano passa, então, a viver suas relações como sendo frágeis, voláteis e facilmente substituíveis, tal como um produto de uma prateleira de supermercado, pois ele mesmo encontra-se em um mundo frágil, volátil e instável.

O sociólogo, através do livro *Amor líquido* (2004), aprofunda esse entendimento e, a partir dele, designa os relacionamentos amorosos como semelhantes às práticas do mercantilismo; ou seja, o indivíduo passa agora a ser visto enquanto mercadoria, com prazo de validade e com garantia de troca caso apresente defeito. Dessa forma, pode-se pensar que a modernidade dispõe de uma singularidade em suas relações, a qual certamente combina com esse cenário líquido. Nele, a interatividade humana sofre um esvaziamento, pois a conexão com o outro passa a estar em prol do desejo do próprio sujeito e, quando isso é minimamente atingido, ofertado ou não mais possível, a relação não tem mais utilidade e pode ser descartada, trocada por outra. Afinal, o desejo em si é volátil, e a busca pela satisfação não deixa de ser uma mola propulsora que mantém o indivíduo vivo. De acordo com Bauman: “a tentação de apaixonar-se é grande e poderosa, mas também o é a atração de escapar. E o fascínio da procura de uma rosa sem espinhos nunca está muito longe, e é sempre difícil de resistir” (2004, p. 19).

Ainda nessa lógica, o amor líquido pode ser especialmente visualizado no campo virtual, considerando que as redes sociais alimentam a busca por validação através da exposição do indivíduo, que fica, muitas vezes, preso aos *likes* e visualizações que recebe em suas publicações, às notificações percebidas ao longo do dia ou ao número de conversas respondidas. Dentro de uma realidade virtual, é possível mostrar o que se deseja, o que

é considerado belo, no instante em que se achar pertinente, no ângulo que pareça mais atraente. Essa dinâmica favorece a idealização, a qual rapidamente deságua em frustração; afinal, a realidade concreta apresenta falhas, quebras de expectativas, e é impossível escapar dos ângulos odiáveis. Vale lembrar que o amor só sobrevive se a etapa da idealização/desidealização for ultrapassada. Contudo, de acordo com Petry (2020), apesar de não existir como realidade material, o campo virtual produz impactos concretos nos indivíduos que o vivenciam — e essa relação pode ser pensada também a partir do conceito de amor líquido, explorado até aqui.

O mundo virtual, com sua capacidade de criar um ambiente onde desejos e fantasias podem ser projetados e experimentados de maneira imediata e muitas vezes anônima, torna-se um palco fértil para a expressão do inconsciente. A busca por conexão nas redes sociais e nos aplicativos pode ser vista como uma tentativa de preencher lacunas emocionais e de encontrar reconhecimento e validação, muitas vezes ausentes na realidade concreta. O anseio por cada vez maiores quantidades de curtidas e comentários em fotos é um exemplo disso, uma vez que, sem engajamento nas publicações ou sem *matches* em aplicativos de namoro, o narcisismo se esvazia. Nesse cenário, os aplicativos de relacionamento desempenham um papel central na maneira como os indivíduos buscam conexão, amor e aprovação. A troca de mensagens instantâneas cria uma ilusão de presença contínua, potencializando uma relação de dependência do contato com o outro. Desse modo, o afastamento ou a demora no tempo de resposta é, com recorrência, fonte de angústia (Heinisch et al., 2022).

Esses aplicativos oferecem ao sujeito um espaço onde ele pode explorar diferentes aspectos de sua identidade, muitas vezes de forma idealizada. As escolhas de fotos, descrições e perfis são cuidadosamente curadas para atrair o outro, mas também para refletir uma imagem idealizada de si mesmo, semelhante ao “eu ideal” descrito por Freud. Nesse aspecto, vale comentar como as redes reforçam o falso self, conceituado por Winnicott (1983). Em seu texto “Distorções do ego em termos de verdadeiro e falso self”, o autor (1983) postula que o self verdadeiro vem do gesto espontâneo, da autenticidade, da criatividade e da ideia pessoal, estando intimamente ligado ao nosso processo primário. Já o falso self se constitui a partir das falhas ambientais, enquanto defesa deste verdadeiro. Partindo da ideia de que o mundo virtual também pode ser um ambiente hostil, no qual é preciso sobreviver, a necessidade de proteger o verdadeiro self pode levar o sujeito a fortalecer um falso self como estratégia. Nesse cenário, Cordeiro et al. (2022) falam sobre a “estilização do self”, um processo em que se busca proteger a própria autenticidade em prol da validação e do reconhecimento, onde cada *match* ou *like* é uma confirmação de que o sujeito é desejado e aceito, ainda que essa aceitação seja superficial e fugaz.

Então, pode-se pensar os aplicativos de relacionamento como espaços onde o narcisismo é exacerbado. Aprofundando mais as concepções psicanalíticas, cabe aqui explorar essa temática a partir da concepção de narcisismo para Freud. Em sua obra *Introdução ao narcisismo* (1996d), este pode ser entendido como a libido voltada para o próprio eu, sendo uma fase necessária do desenvolvimento psíquico, mas que também pode se transformar em uma estrutura patológica quando o sujeito permanece fixado nesse estágio. Na era digital, o narcisismo é acentuado pelas redes sociais, onde o sujeito tem o poder de manipular sua própria imagem, construindo um “eu ideal” que é exibido para os outros. Esse “eu ideal” é, na verdade, uma projeção dos desejos e fantasias do sujeito, uma tentativa de preencher as lacunas e deficiências percebidas no self.

A criação de um perfil atraente é, em essência, uma forma de autoexibição narcísica, na qual o sujeito busca a admiração dos outros e, assim, é investido. Ao mesmo tempo, a rejeição ou a ausência de curtidas e ligações com o outro pode provocar uma ferida no narcisismo, reativando sentimentos de inadequação, rejeição e insegurança que o sujeito pode tentar suprimir ou evitar.

Nesse ambiente, o inconsciente encontra novas formas de se expressar. A facilidade de criar e descartar conexões nos aplicativos pode ser vista como uma manifestação do princípio do prazer, em que o sujeito busca gratificação imediata, evitando o desprazer e a frustração (Heinisch et al., 2022). No entanto, essa busca incessante por novas conexões pode, paradoxalmente, aumentar a sensação de vazio, descontentamento e futilidade, uma vez que o contato profundo e significativo é frequentemente substituído por interações superficiais, efêmeras e líquidas. Winnicott (1983) ressalta que somente um self verdadeiro é capaz de se sentir real e criativo.

Entre sociologia e psicanálise, pode-se considerar que esses aplicativos promovem uma forma de consumo das relações humanas, retomando a questão de que o sujeito se torna uma mera mercadoria na conexão com o outro. Esse processo de objetificação pode ser visto como manifestação da pulsão de morte, onde a capacidade de se vincular genuinamente é comprometida pela busca incessante por novidade e excitação.

No entanto, essa busca, marcada por idealizações e projeções, corre o risco de perpetuar o ciclo de insatisfação e frustração, na medida em que a realidade do outro não corresponde à fantasia idealizada. A tendência é idealizar o outro para além daquilo que ele é, ignorando suas faltas e menosprezando suas falhas. “As lentes da paixão beiram o delírio e nos permitem olhar para o outro com uma gentileza que quase rompe com a realidade” (Suy, 2022, p. 76). Dessa forma, o mundo virtual, ao mesmo tempo em que oferece novas possibilidades de expressão e conexão, também revela as limitações e armadilhas do desejo humano, tal como concebido por Freud (1996b) em *O mal-estar na civilização*.

Agregando isso ao campo atual, Bauman, em um de seus diversos trabalhos, nos alerta que as capacidades da internet e das relações virtuais são feitas sob medida para as necessidades dos sujeitos. Nas versões eletrônicas, é a quantidade de conexões que faz toda a diferença, e não mais a sua qualidade (Bauman, 2011; Heinisch et al., 2022; Saraiva, 2023). A partir dessa premissa, pode-se refletir sobre a utilização desses aplicativos de relacionamento, no sentido de que o que importa atualmente é ser visto, ser enxergado e receber aprovação pelo que momentaneamente se apresenta nessas redes. Ainda segundo o sociólogo polonês, nas relações atuais não há mais necessidade de flertar ou cortejar o outro, como Camões escreveu em seus sonetos; hoje, através de poucos cliques, obtém-se aceitação e satisfação imediata.

Assim, os sites ou aplicativos de relacionamento tendem a apresentar parceiros para breves e vagas relações, às vezes de uma só noite, como em catálogos nos quais os “produtos disponíveis” são classificados de acordo com marcadores selecionados, como por altura, tipo de corpo, origem cultural e étnica, ou seja, com o que se considera relevante e adequado ao momento. Dessa forma, os usuários podem ajustar o parceiro escolhido a partir das partes que parecem determinar a qualidade do “conjunto” ou do prazer a ser alcançado naquela relação (Bauman, 2011, p. 34).

Pode-se associar então, diante dessa lógica de catálogo, ao que Zanello (2022) chama de “Prateleira do Amor”, metáfora criada pela autora para explicar a dinâmica, os valores e os costumes que determinam a forma como homens e mulheres se relacionam com o escolher e com o ser escolhido. Na percepção da autora, especialmente quando se refere às mulheres, é como na prateleira de um supermercado: o bom lugar é aquele que está mais à frente, e tende a ser ocupado pelos objetos de amor escolhidos primeiro.

Em consonância com Zanello (2022), Freud (1920) descreveu o amor como um campo de forças onde pulsões de vida (Eros) e de morte (Thanatos) se entrelaçam. No contexto virtual, essas pulsões se manifestam de maneiras singulares, com a idealização do outro facilitada pela tela e pela possibilidade de controlar a própria imagem e narrativa, ilusoriamente longe das repressões. No entanto, essa idealização pode levar a desilusões e frustrações à medida que a realidade e a virtualidade colidem. Ademais, os mecanismos de defesa, como a repressão, a projeção e a sublimação, encontram novas formas de expressão no ambiente

digital. As redes oferecem um espaço que permite ao indivíduo livrar-se das repressões, tal como Freud descreveu em *Psicologia das massas e análise do ego* (1996c). Nesse sentido, os impulsos instintivos inconscientes dos sujeitos podem ser externalizados através de interações aparentemente superficiais.

Em *Além do princípio do prazer* (1996a), Freud discute amplamente a dinâmica pulsional e o investimento do sujeito na realidade a fim de satisfazê-las. Então, no espaço virtual, essas pulsões poderiam estar encontrando novos meios de expressão. O Eros, representado pela busca por conexão, vinculação e união, pode ser observado nas interações on-line, onde os sujeitos buscam amor, reconhecimento e aceitação. Por outro lado, Thanatos, a pulsão de morte, manifesta-se nas dinâmicas destrutivas que também caracterizam o ambiente digital, como o *ciberbullying*, o *ghosting*, o *love bombing*, o discurso de ódio e as tendências auto-destrutivas que emergem dessa cultura.

No espaço virtual, o amor é mediado por construções narcísicas. A tela oferece um espelho no qual o sujeito pode não apenas ver a si mesmo, mas também ser visto de forma idealizada pelos outros. Essa idealização do outro, facilitada pela ausência de contato físico e pelas possibilidades infinitas de curadoria da própria imagem, cria um ambiente onde as pulsões podem ser expressas de maneiras que seriam reprimidas na vida cotidiana. Contudo, essa idealização também carrega o risco da desilusão, pois a realidade muitas vezes não corresponde à imagem projetada no espaço digital. Quando a fantasia se choca com a realidade, o sujeito pode experimentar frustração e angústia, reativando conflitos internos.

Aquele que é amado geralmente possui as qualidades que faltam ao eu para alcançar o ideal desejado. Durante o programa *Café Filosófico* do CPFL, na série intitulada “O amor é uma coisa que se aprende”, o psicanalista Contardo Calligaris (2005) afirma: “Amar é idealizar o outro, transformá-lo em nosso ideal, de modo que, ao sermos amados por esse ideal, experimentamos um prazer profundo”. Novamente repetindo, o amor, por natureza, é fundamentalmente narcísico. Embora o objeto de amor seja outro, o propósito do amor é sempre a realização dos próprios desejos do amante. O indivíduo ama aquilo que foi no passado e não é mais, ou aquilo que possui as qualidades que ele nunca teve. Espera-se que o outro desempenhe o papel de preencher completamente as lacunas e furos do sujeito. Além disso, o amante deseja que o outro também tenha falhas que ele possa compensar. Isso configura um tipo de pacto, em que “só se pode admitir a própria insuficiência e conceder ao outro a possibilidade de completá-lo, se ele também confessar sua própria insuficiência e lhe conceder a mesma oportunidade” (Borges, 2002, p. 38).

Em *O mal-estar na civilização* (1996b), Freud discute como a sociedade impõe restrições às pulsões individuais, resultando em tensões internas que podem se manifestar como mal-estar. No espaço virtual, no entanto, essas restrições parecem mais flexíveis, permitindo ao sujeito uma liberdade aparente para expressar seu “eu ideal”, mesmo que essa liberdade seja ilusória. Assim, o amor no espaço virtual não é apenas um reflexo das dinâmicas psíquicas descritas por Freud, mas também um novo campo onde essas dinâmicas se expressam e se transformam. A busca pelo amor, mediada pela virtualidade, é marcada por uma tensão constante entre a idealização e a realidade, entre o narcisismo e o desejo de conexão genuína. O sujeito, ao navegar por esse campo de forças, se depara com os desafios de conciliar seu “eu ideal” com a realidade do outro, em um processo que, como em todas as dinâmicas psíquicas, é simultaneamente criador e destruidor.

Neste trabalho, compreendeu-se que a psicanálise, ao investigar esses processos, revela tanto potencialidades quanto desafios na era digital. A virtualidade pode, por um lado, proporcionar novas possibilidades de autoconhecimento e desenvolvimento emocional, ao mesmo tempo que expõe vulnerabilidades e amplia as complexidades dos relacionamentos amorosos. Freud (1996b) também discorre sobre o sofrimento humano oriundo de três fontes: da natureza, do desenvolvimento e do corpo, e dos relacionamentos, sendo esta última a

única que seria possível evitar. Contudo, ao mesmo tempo em que os relacionamentos dão luz aos furos narcísicos dos sujeitos, das três fontes conceituadas por Freud, é justamente esta a principal a agregar sentido à nossa existência. Aliás, McCandless, aventureiro que decidiu realizar um mochilão dos Estados Unidos ao Alasca, nos aproxima dessa compreensão ao escrever: “a felicidade só é real quando compartilhada”, logo antes de desfalecer sozinho, em uma consequência trágica resultante das intempéries da natureza (Krakauer, 1998). Mas essa temática já é assunto para outra escrita.

Assim, ao longo desta breve análise, buscou-se ampliar a discussão sobre a busca pelo amor e pela conexão humana. A psicanálise nos permite compreender que, embora as plataformas digitais ofereçam novas formas de interação e expressão, elas também intensificam as contradições e tensões inerentes às relações amorosas. As dinâmicas psíquicas, como o narcisismo e a idealização, encontram no mundo digital um terreno potencial, mas também revelam os limites e as fragilidades das conexões formadas nesse espaço. O amor, mediado pela virtualidade, continua sendo um reflexo das complexidades humanas, marcado por uma busca incessante por completude que, muitas vezes, esbarra na dura realidade da imperfeição e da incompletude. Ao final, o que se vislumbra é uma paisagem emocional na qual a tensão entre o desejo de ser visto e amado e o medo da rejeição permanece central, desafiando-nos a repensar o que significa amar e ser amado na era digital.

Dessa forma, a psicanálise, ao explorar essas novas formas de relacionamento, oferece uma lente crítica para observar como a busca por conexão e amor se desenrola na era digital. Ao mesmo tempo, essa reflexão também abre portas para novas perguntas sobre o futuro das relações humanas em um mundo cada vez mais virtualizado, sugerindo que o caminho para entender o amor em nossos tempos é um processo contínuo e em constante evolução.

REFERÊNCIAS

- ACKERMAN, Diane. *Uma história natural do amor*. Tradução de Cristina Yamagami. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- BATISTA, Vinícius de Melo; KAZAHAYA, Daniel. Desdobramentos da virtualidade no psiquismo: uma leitura psicanalítica. *Revista de Psicologia da Unesp*, v. 21, n. 1, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5935/1984-9044.20220001>. Acesso em: 19 de junho de 2025.
- BAUMAN, Zygmunt. *44 cartas do mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BORGES, Adriana Chaves. *Sobre o narcisismo: um estudo teórico-clínico numa perspectiva psicanalítica*. 2002. Dissertação [Mestrado em Psicologia] — Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-05122022-163602/publico/borges_me_2002.pdf. Acesso em: 1 jun. 2024.
- CALLIGARIS, Contardo. O direito à tristeza. In: *Fronteiras do Pensamento*, Seção Filosofia: Psicologia e Saúde Mental, jun. 2016. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/leia/exibir/contardo-calligaris-pelo-direito-a-tristeza-1425328703>. Acesso em: 11 fev. 2025.
- CAMÕES, Luiz Vaz de. *Amor é fogo que arde sem se ver*. São Paulo: Ediouro, 1997. Originalmente publicado em 1598.
- CORDEIRO, Leonardo Húngaro et al. Um olhar psicanalítico sobre a influência das redes sociais na constituição da autoimagem do adolescente. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 8, n. 11, p. 1368-1381, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v8i11.7729>.
- FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XVIII). Originalmente publicado em 1920.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XXI). Originalmente publicado em 1930.

FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do ego*. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XVIII). Originalmente publicado em 1921.

FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo: uma introdução*. Rio de Janeiro: Imago, 1996d. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XIV). Originalmente publicado em 1914.

HEINISCH, Judith S. et al. Investigating the effects of mood & usage behaviour on notification response time. *arXiv*, 7 jul. 2022. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2207.03405>. Acesso em: 19 jun. 2025.

HOOKS, Bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Elefante, 2021. Originalmente publicado em 2000.

KRAKAUER, Jon. *Na natureza selvagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KUSS, Ana Suy Sesarino. *Amor e desejo: um estudo psicanalítico*. 2014. Dissertação [Mestrado em Psicologia] – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/37140>. Acesso em: 10 jun. 2024.

LACAN, Jacques. *O seminário (livro 8): a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

O AMOR É UMA COISA QUE SE APRENDE. Curadoria de Contardo Calligaris. CPFL — Programa Café Filosófico. São Paulo, 2005. Programa de TV, 45:39m.

PETRY, Nícolas Ruschel. Sobre o papel da virtualidade na captura pulsional e suas consequências. *Psicanálise — Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, v. 22, n. 2, p. 229-242, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.60106/rsbpa.v22i2.766>.

SARAIVA, Luiz Alex Silva. Dinâmicas da vida social organizada de homens gays em aplicativos de relacionamento. *Organizações & Sociedade*, v. 30, n. 105, p. 241-263, abr. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-92302023v30n0008PT>.

SUY, Ana. *A gente mira no amor e acerta na solidão*. 13. ed. São Paulo: Paidós, 2022.

WINNICOTT, Donald Woods. Distorções do ego em termos de verdadeiro e falso self. In: WINNICOTT, Donald Woods. *O ambiente e os processos de maturação*. Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1983. cap. 12, p. 128-140. Originalmente publicado em 1960.

ZANELLO, Valeska. *A prateleira do amor: sobre mulheres, homens e relações*. Curitiba: Appris, 2022.

Artigo enviado: 11 de fevereiro de 2025

Artigo aceito: 1 de setembro de 2025